

Caetano Maldonado da Gama, D. Jerónimo Contador de Argote e as duas edições das *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (1721, 1725)

Rolf Kemmler*

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

kemmler@utad.pt

Data de receção do artigo: 25-05-2012

Data de aceitação do artigo: 16-06-2012

Resumo

As *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (¹1721, ²1725) do religioso teatino Jerónimo Contador de Argote (1676-1749) merecem uma atenção especial por várias razões, pois constituem não só a primeira gramática da língua portuguesa publicada no século XVIII mas a primeira de todas as gramáticas portuguesas a ter mais do que uma edição em vida do autor. Dado que a primeira edição da gramática foi publicada sob o pseudónimo de 'Caetano Maldonado da Gama' o presente artigo visa estabelecer a natureza do pseudónimo e relacionar as duas edições da obra.

Palavras chave – historiografia linguística – gramática portuguesa – Argote – século XVIII.

Abstract

The *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (¹1721, ²1725) by the Portuguese Theatine Jerónimo Contador de Argote (1676-1749) deserves special attention due to several reasons, not only because they constitute the first grammar of the Portuguese language that was published in the eighteenth century but because it was the first of all the Portuguese grammars to have more than one edition during the author's life. Since the first edition was published under the pseudonym 'Caetano Maldonado da Gama' the present article seeks to

*Investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

establish the nature of the pseudonym and to relate the two editions of the grammar.

Keywords – historiography of linguistics – Portuguese grammar –Argote – XVIIIth Century.

1. Introdução

A gramática da língua portuguesa que foi publicada pelo religioso teatino D. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749) merece uma atenção especial pelos estudiosos modernos de historiografia linguística, porque, entre outros aspetos igualmente importantes, não é somente a primeira gramática da língua portuguesa publicada no século XVIII, mas, em quase duzentos anos de tradição metagramatical, é a primeira gramática portuguesa a ter mais do que uma edição única em vida do autor.

No que respeita ao conteúdo, um dos aspetos mais relevantes é o facto de a obra de Argote ser a primeira gramática da língua portuguesa a incluir noções dos gramáticos de Port-Royal. Para além disso, entre outros aspetos, é digno de nota que Argote é o primeiro gramático português que, não só inclui a ortografia, mas também apresenta uma sistematização do sistema variacional do português.

Dado que um estudo desta natureza até agora não foi realizado devido à extrema raridade de exemplares da primeira edição da obra, o presente trabalho visa esclarecer a origem e o significado do pseudónimo do autor. Seguir-se-á uma análise da génese da estrutura da gramática e das alterações do texto introdutório.

1. Caetano Maldonado da Gama e D. Jerónimo Contador de Argote

Entre os estudiosos da historiografia linguística portuguesa que se dedicaram às gramáticas portuguesas do século XVIII não parece haver dúvida de que a gramática da língua portuguesa intitulada *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina ou disposiçam para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*, publicada pelos tipógrafos lisboetas Matias Pereira da Silva e João Antunes Pedroso em 1721, é de atribuir ao clérigo teatino D. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749) e não à personagem supostamente fictícia 'Padre Caetano Maldonado da Gama', a quem o rosto da primeira edição atribui a autoria. A ligação entre as duas edições que devem ser atribuídas a Argote foi, com efeito, estabelecida pelo 4.^o Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes (1673-1743),

fundador, com os irmãos Argote, da Academia Real da Historia Portugueza (1720-ca. 1776),¹ que, na sua qualidade de censor régio, apresentou as seguintes declarações sobre a autoria da gramática no seu parecer de 12 de setembro de 1724:

[...] he a segunda declarar o seu Nome o Padre D. Jeronymo Contador de Argote, Clerigo Regular, e da Academia Real, que na primeyra impressão se encobrio, e eu quasi reconheci pela erudição, e acerto, com que escreve [...] (Ericeira em Argote 1725: [X]).

Este trecho evidencia que aparentemente não houve, já em tempo de vida do autor, qualquer dúvida sobre quem se tinha escondido debaixo do pseudónimo. Coerentemente, a informação de Caetano Maldonado da Gama e D. Jerónimo Contador de Argote serem uma e a mesma pessoa foi passada do bibliógrafo Diogo Barbosa Machado (1682-1772)² a Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876).³ De forma igualmente coerente, a lição dos bibliógrafos foi aproveitada por investigadores modernos como Assunção (1997: 175) Gonçalves (1992: 97), Hackerott (2010: 88), Leite (2011: 667), Moura (2002: 84; 2012: 155) e Schäfer-Prieß (2000: 18-19).

Para o presente estudo, partimos do mesmo pressuposto da identidade entre o pseudónimo e o teatino histórico. Interessa-nos, no entanto, qual poderá ser a origem do pseudónimo, questão esta que tentaremos elaborar a seguir, com base em elementos pertencentes à biografia e genealogia do gramático. O primeiro elemento que permite

¹ Veja-se o “Catalogo dos academicos, por ordem alfabética” (Catalogo 1721) que informa sobre todos os académicos fundadores, entre os quais nos parecem merecer destaque especial o irmão do gramático, D. José Contador de Argote, o bibliógrafo Diogo Barbosa Machado, o lexicógrafo Rafael Bluteau e o ortógrafo D. Luís [Caetano] de Lima.

² É da seguinte forma que Machado (1741, I: 559) identifica quem está detrás do pseudónimo: “CAETANO MALDONADO DA GAMA Vejase D. JERONYMO CONTADOR DE ARGOTE”. Veja-se ainda a entrada relativa à gramática em Machado (1747, II: 494): “*Regras da lingua Portuguesa, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da Portuguevza*. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e loão Antunes Pedrozo. 1721. 8. e mais acrescentada, e correcta. Lisboa na Officina da Musica. 1725. 8. “.

³ Cf. Silva (1859, III: 260): “121) (C) *Regras da lingua portugueza, Espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*. Lisboa, na Offic. de Mathias Pereira da Silva & João Antunes Pedroso 1721. 8.º de 228 pag. – Sahiu esta primeira edição com o nome do P. Caetano Maldonado da Gama. – *Segunda edição muito accrescentada e correcta*. Ibi, na Offic. da Musica 1725. 8.º de XXIV-356 pag. – N’esta sahiu sob o nome verdadeiro do auctor“.

algun esclarecimento é o assento de batismo de D. Jerónimo Contador de Argote de 23 de julho de 1676:

Aos uinte e tres de julho de seis sentos e setenta e seis, eu o Cura siluestre Nunes franco, pus o santos ollios, nesta freguesia de nossa senhora d'assumpção da uilla de collares, a Heronimo filho do doutor Luis Contador d'argote e de sua molher Dona Maria Loba moradores nesta uilla foi baptisado em Casa por sua auo Dona Francisca por uir a criansa fraca assistio aos exorsismos o Padre Manoel Curado morador nesta uilla e por uerdade fis e assinei
O Cura Syluestre Nunes franco (1676, julho 23)

Um dos primeiros aspetos que se nota neste assento é que não se encontra qualquer referência à data de nascimento do gramático, sendo apenas referida a essência dos nomes dos pais e as circunstâncias do batismo. Segundo as normas eclesiásticas, o recém-nascido deveria ter sido batizado na igreja dentro de oito dias a seguir ao nascimento.⁴ No entanto, consta do assento paroquial que o jovem D. Jerónimo foi batizado em primeiro lugar no âmbito de um 'batismo de emergência' na residência da família pela sua avó paterna D. Francisca de Robles. O funcionamento deste 'batismo de emergência', que no presente caso adquire o seu carácter excecional por o batista ter sido a avó e não um religioso ou qualquer outro elemento masculino da família, é esclarecido no "Tit. j. Do sacramento do Baptismo" da "Constituiçam. iiij. Em que modo & donde se ha de ministrar o baptismo" das *Constituições do Arcebispado de Lisboa* (1588: fol. 4 v):

E outro si defendemos que nenhum sacerdote baptize a creatura em casa de algũa pessoa, se nam na pia baptismal da igreja parrochial donde ho pay ou may forem fregueses, & fazendo ho contrairo poemos em sua pessoa sentença de excomunham, & seja presso, & jaça no aljube hum mes, & nam seja solto até pagar primeyro dous mil reaes, a metade pera o meirinho, & a outra metade pera a fabrica dessa igreja, saluo estando a criatura em tal necessidade, que sem manifesto perigo de sua vida, nam possa ser leuada á

⁴ Veja-se, por exemplo, o trecho em *Constituições* (1588: fl. 3 r) que estabelece o seguinte regime rígido de penas para qualquer atraso no batismo:

"Por tanto estabalecemos & mandamos que do dia do nascimento de qualquer creatura: atee oito dias, seu padre ou madre ou otra qualquer pessoa: que della cargo tiuer, ha façam baptizar: em sua parrochial igreja, & num ho fazendo assi sem causa justa, paguem hum arratel de cera pera a dita igreja & se os sobreditos estiuerem mais outros oito dias sem ha fizer baptizar, paguem tres arratees de cera pera a dita igreja, & se mais estiuerem na dita negligencia, ajam aquela pena que a nos & nossos officiaes bem parecer, saluo mostrando causa justa, que os excuse".

igreja, porque entam qualquer pessoa, posto que seja ho pay ou may, hereje, pagam ou excomungado, poderam baptizar ha creatura onde quer que estiuer, com tanto que se hi na casa ouer clerigo, nam ha baptize leigo, & se ouer homem, ha nam baptize mulher, & se nam ouer senam o pay ou may, em tal necessidade ha pode baptizar sem impedimento de compadradego, & auendo fiel, a nam baptize infiel. E cessando o dito perigo da hi atè oito dias será a dita creatura leuada aa dita igreja parochial honde se o sacerdote enformara do medo que se teue no dito baptismo. E se achar que tudo se fez diuinamente, lhe poera ho oleo, & a crisma, & fara os exorcismos acostumados.

Para que D. Jerónimo Contador de Argote fosse batizado em conformidade com as normas eclesiásticas vigentes na época, era, portanto, suficiente que a avó fosse batizada para que ela pudesse ministrar o batismo, uma vez que a preferência de homens em vez das mulheres não parece constituir nenhuma regra impeditiva. Ainda em conformidade com o direito eclesiástico, o batismo foi repetido, presumivelmente alguns dias depois, no âmbito de um batismo dentro da igreja paroquial, com todos os cerimoniais requeridos para o efeito.

O testemunho do biógrafo teatino, D. Tomás Caetano de Bem (1794, II: 200) fornece mais alguns detalhes não referidos pelo registo paroquial.

Nasceo no anno de 1676. a 8. de Julho na Villa de Collares. Foi filho de Luiz Contador de Argote, Desembargador da Casa da Supplicação, e de sua mulher D. Maria Josefa Lobo da Gama Maldonado; ambos descendentes de familias muito nobres, e qualificadas. Logo que nasceo foi baptizado por sua avó paterna D. Francisca de Robles. Quando lhe forão impostos os Santos Oleos, foi seu padrinho D. Alonso de Alcala Herrera, irmão da dita sua avo paterna; em cuja casa, e companhia se creou o Padre D. Jeronymo Contador até a idade de sete annos, na mesma Villa de Collares, juntamente com huma sua irmã, quasi da mesma idade.

Baseado obviamente em fontes diferentes, o biógrafo constata que Argote terá nascido em 8 de julho de 1676, sendo esta a data que entrou na tradição biográfica. Quanto aos pais, fornece informações algo mais completas. Assim, consta que o pai terá sido o jurista e Desembargador da Casa da Supplicação D. Luís Contador de Argote,⁵

⁵ Falecida a mulher em 1678, Gouveia (1736: 3) relata que D. Luís Contador de Argote resolveu abandonar a vida secular e juntar-se como leigo aos oratorianos de Lisboa: “Passados alguns annos com o desejo de viver só para Deos, deixando o Mundo, se

sendo a mãe identificada como D. Maria Josefa Lobo da Gama Maldonado.⁶

É precisamente esta ocorrência dos últimos dois apelidos que motiva uma pequena investigação genealógica, elaborada sobretudo com base nas respetivas entradas no *Nobiliário de famílias de Portugal*, nomeadamente em Gaio (1939, XIII: 163; 1939, XVI: 202; 1939, XVII: 161, 195; 1939, XVIII: 31-32). Para além disso, foram ainda aproveitadas as informações biográficas e genealógicas no *Elogio funebre* que Caetano de Gouveia dedicou a D. José Contador de Argote (1673-1736), irmão primogénito do nosso gramático. Para além dos irmãos D. José e D. Jerónimo, Gouveia (1736: 3) ainda menciona uma irmã, que, na altura, terá sido religiosa dominicana: “[...] D. Brites da Gama Lobo, hoje Prioreza do religiosissimo Mosteiro da Annunciada desta Cidade”.⁷

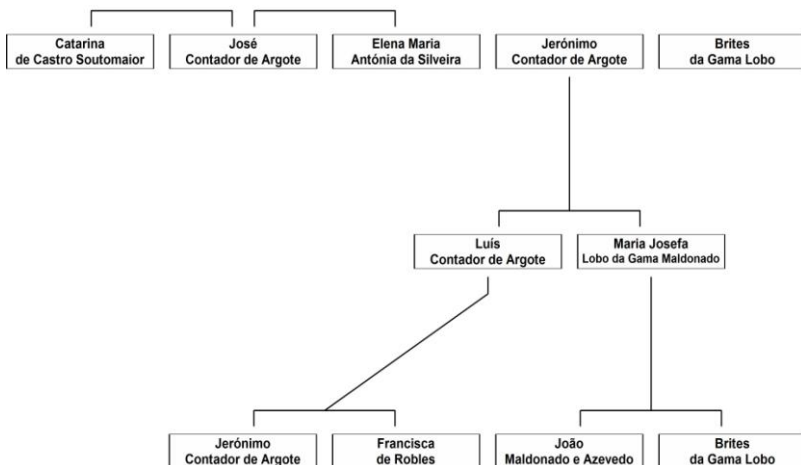
recolheo na exemplarissima Congregação do Oratorio desta Cidade, e nella vestio a humilde roupeta de Leigo“. Como testemunha o mesmo teatino, esta mudança da vida de vida esteva relacionada com a transferência dos bens do pai ao filho primogénito: “Voltou a Lisboa, aonde seu pay, poucos dias antes de se recolher na Congregação do Oratorio, lhe largou a administração de sua casa, e o casou com D. Catharina de Castro [...]“ Gouveia (1736: 9-10). Dado que o casamento entre D. José Contador de Argote e D. Catarina de Soutomaior foi celebrado em 8 de dezembro de 1699 na freguesia da Encarnação em Lisboa, os factos narrados levam a crer que a posse de bens e a entrada do pai na Congregação do Oratório tenha ocorrido em finais de 1699 ou inícios de 1700.

⁶ Conforme reza a respetiva entrada no livro de óbitos de Colares, a mãe do gramático (identificada somente como D. Maria Josefa Loba) faleceu quando este tinha pouco mais de dois anos de idade: "Aos desanoue de Nouembro de seis sentos e setenta e oito ueio a enterrar a esta jgreja da nossa senhora d'asumpção de collares, a sepultura de dona maria hereira e Robles Dona maria Josepha Loba, molher do Corregedor do siuel da Cidade de Lisboa o Doutor Luis contador de aragote administrador da capella da dita sua tia Dona maria hereira e por uerdade fis e asinei &

O Cura Syluestre Nunes franco (1678, novembro 19)". D. Maria Josefa Lobo da Gama Maldonado foi sepultada na capela da tia do marido, D. Maria Herreira e Robles (ou seja, D. María Herrera y Robles) que na altura da sua morte era administrada pelo seu próprio marido.

⁷ Nos registos paroquiais de Colares não encontramos nenhuma referência a uma D. Brites, filha de D. Luís Contador de Argote e de D. Maria Josefa Lobo da Gama Maldonado. No entanto, é possível que a escolha dos apelidos 'da Gama Lobo' possa ser uma homenagem à avó materna D. Brites da Gama Lobo.

Quadro genealógico de Jerónimo Contador de Argote (1676-1749)



A investigação genealógica leva à constatação de que tanto do lado masculino como do lado feminino, a família de D. Jerónimo Contador de Argote provém da nobreza espanhola, tendo a árvore genealógica sido enriquecida por vários elementos de famílias nobres portuguesas.⁸

Assim, antes de vir para Portugal, o bisavô D. Luís Contador⁹ foi um dos fidalgos espanhóis ao serviço do mais tarde imperador alemão Maximiliano II (1527-1576, regeu desde 1564) quando este desempenhou o papel de governador de Espanha em representação do tio Carlos V no período entre 1548 e 1551.¹⁰ Semelhantemente, a avó paterna, D. Francisca de Robles (?-1693), de quem consta que vivia e

⁸ Ao falar de 'alianças', Gouveia (1736: 4) até releva a natureza estratégica dos casamentos entre os descendentes masculinos dos Contadores e dos Maldonados e mulheres pertencentes à nobreza portuguesa: "Por huma, e outra linha foraõ naõ só nobres, mas illustres os avós do Senhor Joseph Contador; ambas são de origem Castelhanas, e neste Reyno contrahiraõ allianças com muitas das principaes Familias".

⁹ Veja-se Gaio (1939, XIII: 163) mas também Gouveia (1736: 4): "Luíz Contador, servio ao Emperador Maximiliano II. Como o havia servido seu terceiro avô Affonso Nunes Contador, quando aquelle Príncipe esteve em Castella, o que se vê no brazaõ de Armas, que o mesmo Emperador lh'es deu".

¹⁰ Sobre a regência de Maximiliano II em Espanha cf. Díaz Medina (1992) e Press (1991).

que morreu em Colares,¹¹ parece ser de origem espanhola, pelo menos se o apelido pode ser considerado como indício.

Também o quarto avô do gramático, D. António Maldonado de Hontiveros, era um fidalgo de origem espanhola. Consta que acompanhou o imperador Carlos V (1500-1558, regeu de 1520 até 1556, rei de Espanha de 1516 até 1556) à Alemanha, tendo posteriormente sido obrigado a abandonar Espanha,¹² supostamente por volta de 1529, em consequência da sua atitude manifestada aquando da negociação do Tratado de Saragoça, assinado em 22 de abril de 1529 entre D. João III de Portugal e Carlos I de Espanha (Rodrigues 1996: 91). Pelo que consta, D. António terá estabelecido a sua residência em Vila Viçosa.¹³

Voltando para a questão da origem do pseudónimo, observa-se que este consta de três elementos:

- 1) Caetano
- 2) Maldonado
- 3) da Gama

A escolha do elemento onomástico 'Caetano' está relacionada com a fundação (em 1524) e a introdução em Portugal (em 1648) da ordem dos Clérigos Regulares (*Ordo Clericorum Regularium* – CR). A denominação vulgar dos clérigos regulares como *teatinos* (*Ordo Theatinorum* – OTheat) deriva da homenagem à cidade italiana de

¹¹ Conforme testemunha o assento de óbito (1693, março 20), D. Francisca de Robles faleceu na *Quinta-Feira das Endoenças* pelas 11:54 horas, sendo por isso sepultada somente na tarde da *Sexta-Feira Santa* à tarde. Tal como a nora que falecera poucos anos antes, D. Francisca de Robles foi sepultada na capela da família que pertencia à sua irmã D. Maria Herreira e Robles.

¹² Veja-se Gaio (1939, XVIII: 31). Segundo Gouveia (1736: 4-5) o fidalgo espanhol emigrou para Portugal a convite de D. João III (1502-1557, regeu desde 1521): "Seu quarto avô materno D. Antonio Maldonado de Hontiveros, foy Gentil-homem de Boca do Emperador Carlos V. e o acompanhou a Alemanha [...]. O mesmo Emperador, Rey de Castella, o nomeou, e ao Bispo de Çamora para ajustarem com os Ministros deste Reyno, em hum Congresso que se fez em Badajoz, a qual dos dous Monarchas pertencia o dominio das Ilhas Molucas; mas sendo accusado, dizem que injustamente, ao, seu Principe, de que favorecera no Congresso a justiça de Portugal, se via obrigado a retirar-se a este Reyno, para onde já o havia chamado ElRey D. Joaõ o III".

¹³ Ao falar sobre D. António, Gouveia (1736: 5) acaba por referir-se à capela herdada por D. José Contador de Argote por intermédio da herança pela mãe: "Viveo em Villa-Viçosa, onde edificou humas nobres casas, e instituio huma Capella, para a qual chama o primogenito, ou seja varaõ, ou femea: esta possuia o Senhor Joseph Contador, por ser mais velha sua mãe, que seu tio D. Affonso Maldonado".

Chieti (cujo nome latino era *Theatinus*), onde o cofundador da ordem, Giovanni Pietro Caraffa (1476-1559), tinha sido bispo anteriormente à nomeação como arcebispo de Brindisi e à eleição como papa debaixo do nome de Paulo IV (desde 1555). A outra designação de *caetanos* deriva do nome do outro cofundador da ordem, nomeadamente de São Caetano de Thiene (1480-1547; em italiano San Gaetano di Thiene).¹⁴ Em óbvia homenagem ao fundador da ordem, observa-se que um número considerável dos caetanos optou por adotar o nome de 'Caetano' como o elemento onomástico adicionado a outros elementos onomásticos para constituição do nome religioso. Para exemplificar este uso entre os teatinos portugueses dos séculos XVII e XVIII basta destacar os escritores D. António Caetano de Sousa (1674 - 1759), D. Luís Caetano de Lima (1671-1757), D. Manuel Caetano de Sousa (1658-1734) e D. Tomás Caetano de Bem (1718-1799). Tudo leva a crer, portanto, que Argote terá escolhido o nome próprio 'Caetano' para identificar-se como pertencente à ordem dos teatinos.

Como já vimos, os apelidos 'Maldonado' e 'da Gama' estão relacionados com a mãe do gramático, pelo que nos ocuparemos com o uso destes nomes nos antepassados da mesma.

Utilizado por fidalgos espanhóis e portugueses, o apelido Maldonado faz parte do ramo masculino dos antepassados de D. Josefa Lobo desde a vinda do já referido D. António Maldonado de Hontiveros para Portugal. D. João Maldonado e Azevedo, casado com D. Brites da Gama Lobo, bisneto do fidalgo espanhol que chegou a ocupar o cargo importante de desembargador do Porto (Gaio 1939, XVIII, 32), foi o quarto varão desta família em Portugal (filho de Francisco Maldonado, neto de Constantino Maldonado e Azevedo).

O apelido Gama vem do lado materno da família. A mãe de D. Josefa Lobo, D. Brites da Gama Lobo, é neta de D. Afonso Pestana da Gama, a quem remonta o uso deste apelido.¹⁵ Ao que parece, D. Brites da Gama Lobo retomou o elemento onomástico 'da Gama' do avô

¹⁴ Para mais informações sobre a vida de São Caetano de Thiene e a fundação da ordem dos clérigos regulares, cf. a biografia de Zinelli / Herbert (1888). Consta que o próprio Argote publicou, em 1722, uma obra dedicada ao mesmo fundador da ordem, intitulada *Vida, e milagres de S. Caetano Thiene, fundador dos Clerigos Regulares*.

¹⁵ Veja-se Gaio (1939, XVI: 161): "N 13 AFFº PESTANA DA GAMA fº de D. Leonor Guilhade N 12 foi Sr. da Casa. Casou clandestinam.te em Badajoz com D. Iñez de La Rocha e Lemos Del Meno, por cujo crime lhe forão confiscados os bens fº de Fran.co de La Rocha e Lemos".

Afonso Pestana da Gama e o elemento 'Lobo' do pai D. Afonso Mendes Lobo.

Apesar de os registos paroquiais de Colares indicarem que D. Maria Josefa Lobo da Gama Maldonado não tenha sido conhecida debaixo de todos estes nomes na vida diária,¹⁶ nada a leva a crer que os pais não tenham passado o direito aos seus apelidos à sua filha, pertencente, como eles, à nobreza luso-espanhola.

3. A evolução das *Regras da lingua portugueza*

A estrutura da segunda edição da gramática de Argote já foi analisada sumariamente por Schäfer-Prieß (2000: 19) e, com referência a cada um dos capítulos, por Moura (2002: 86-88). No entanto, nenhum estudioso da obra empreendeu até agora qualquer estudo que compare os conteúdos de Argote (1721) e Argote (1725). Dado que uma análise a nível textual somente poderá ser empreendida no âmbito de outro trabalho exclusivamente dedicado à comparação e análise da evolução do texto da gramática, limitar-nos-emos a seguir a proceder à comparação da estrutura das duas obras e das principais alterações na introdução.

3.1 A estrutura das Regras da lingua portugueza

Com base na redação primitiva da primeira edição, as duas edições da gramática de Jerónimo Contador de Argote apresentam a seguinte estrutura:¹⁷

	[Argote] (1721)	Argote (1725)
[rosto] REGRAS DA LINGUA PORTUGUEZA, Espelho da lingua Latina	[I]	[I]

¹⁶ O assento de nascimento do filho D. Jerónimo Contador de Argote indica que o nome da mãe seria 'Dona Maria Loba' (1676, julho 23), o assento óbito (1678, novembro 19) reconhece um nome mais completo 'Dona maria Josepha Loba', pois acrescenta o nome próprio 'Josefa'. É digno de nota que o religioso que lavrou ambos os assentos foi o cura Silvestre Nunes Franco. Infelizmente, não sabemos onde foi celebrado o casamento com D. Luís Contador de Argote, pois julgamos que este assento seria muito esclarecedor sobre os elementos onomásticos de que se compunha o seu nome.

¹⁷ Todas as partes de Argote (1725) que não encontram correspondência em Argote (1721) são colocadas entre chavetas { }. Os parênteses retos são utilizados para comentários nossos.

[página em branco]	[II]	[II]
{carta dedicada ao Príncipe de Portugal, D. José}		[III-IV]
PROLOGO.	[III-IV]	[V-VI]
LICENÇA DA ORDEM.		[VII]
LICENÇAS DO SANTO OFFICIO. ¹⁸	[V-VII]	[VIII]
DO ORDINARIO.	[VIII]	[IX]
DO PAÇO. ¹⁹	[VIII-XII]	[IX-XIV]
[despachos finais de impressão] ²⁰	[XIII]	[XV]
[página em branco]	[XIV]	
INSTRUCC,AM A GRAMMATICA. ²¹	1-7	[XVI-XXIV]
[Primeira Parte] ²²	8-160	1-183
CAPITULO I. <i>Dos nomes, artigos, numeros, terminaçoens, & casos.</i> ²³	8-24	1-20
CAPITULO II. <i>Das castas, & diversidade dos nomes.</i> ²⁴	24-38	20-36
CAPITULO III. <i>Dos Pronomes.</i>	38-50	36-49
CAPITULO IV. <i>Dos Verbos, & das suas pessoas, modos &</i>	50-61	49-62

¹⁸ Em Argote (1725: [VIII]) a palavra *Santo* encontra-se escrita por extenso.

¹⁹ Trata-se, em ambos os casos do parecer de D. Xavier de Meneses, quarto Conde de Ericeira. Em Argote (1725: IX), o parecer do Conde de Ericeira (págs. [X-XIV]) é precedido por um despacho da Mesa do Desembargo do Paço de 26 de agosto de 1724 em que o Conde é incumbido de ver o livro em questão.

²⁰ Assinado pelos desembargadores que se identificam como “Pereyra. Noronha. Teyxeyra”, este despacho final da mesa do Desembargo do Paço em Argote (1721: [XIII]) reza o seguinte: “Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario. Lisboa Occidental 5 de Março de 1721”.

Em Argote (1725: [XV]), encontra-se o seguinte despacho “Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Meza para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 6 de Outubro de 1724”. As subsequentes licenças de divulgação (*pode correr*) datam de 14 de abril de 1725 (do Santo Ofício) e de 14 de abril de 1725 (do Ordinário), a taxação de 17 de abril de 1725.

²¹ Argote (1725: [XVI]) traz um título bastante diferente: “INTRODUCCAM A’ PRESENTE GRAMMATICA”.

²² Argote (1721: 8) não traz qualquer alusão à primeira parte, Argote (1725: 1) menciona a “PRIMEYRA PARTE” imediatamente antes do primeiro capítulo.

²³ Contrariamente à primeira edição, Argote (1725: 1) apresenta o seguinte cabeçalho antes do cabeçalho do primeiro capítulo: “REGRAS / DA LINGUA PORTUGUEZA / ESPELHO DA LINGUA / LATINA / *Ou disposiçãõ para facilitar o ensino da lingua Latina pelas / regras da Portugueza*”.

²⁴ Argote (1725: 20) apresenta a forma ‘*diversidades*’ no plural.

<i>tempos.</i>		
CAPITULO V. <i>Das Conjuçoens dos Verbos Auxiliares.</i> ²⁵	62-77	62-81
CAPITULO VI. <i>Das Conjuçaçoens dos Verbos Regulares.</i>	77-114	82-130
CAPITULO VII. <i>Das formaçoens dos Verbos Regulares.</i>	114-115	131-132
CAPITULO VIII. <i>Das formaçoens dos Verbos.</i>	115-129	132-146
CAPITULO IX. <i>Das castas dos Verbos.</i>	129-147	146-169
CAPITULO X. <i>Dos Adverbios, Proposiçoens, & Conjuçoens.</i>	148-156	169-178
CAPITULO XI. <i>Dos Generos dos nomes, & dos Preteritos dos Verbos.</i> ²⁶	156-160	178-183
SEGUNDA PARTE DA GRAMMATICA PORTUGUEZA.	161-210	184-240
CAPITULO I. <i>Da Syntaxe, & das suas castas.</i>	161-170	184-194
CAPITULO II. <i>Da Syntaxe de reger, & das regras do Nominativo.</i>	170-175	194-200
CAPITULO III. <i>Da Syntaxe do Genitivo.</i>	175-185	200-211
CAPITULO IV. <i>Da Syntaxe, & regras de Dativo.</i>	186-191	212-217
CAPITULO V. <i>Da Syntaxe do accusativo, & das suas regras.</i> ²⁷	191-197	217-224
CAPITULO VI. <i>Da Syntaxe do Ablativo, & suas regras.</i>	197-205	224-233
CAPITULO VII. <i>Da Syntaxe dos Verbos.</i>	205-208	233-236
CAPITULO VIII. <i>Do resolver das Oraçoens.</i>	208-210	237-240
PARTE TERCEYRA. ²⁸	211-228	241-290
CAPITULO I. <i>Da Syntaxe figurada, & da primeyra figura.</i>	211-218	241-249
CAPITULO II. <i>Da figura Pleonasm.</i>	219-220	250-252
CAPITULO III. <i>Da figura Syllepse.</i>	221-223	252-255
CAPITULO IV. <i>Da figura Hyperbaton.</i>	224-226	255-257
CAPITULO V. <i>Da figura Idiotismo.</i> ²⁹	226-228	258-275
{CAPITULO VI. <i>Das figuras, da Dicçaõ.</i> }		275-287

²⁵ Argote (1725: 62) apresenta a forma diferente '*Conjuçaçoens*'.

²⁶ Argote (1725: 178) traz '*Generos*' com letra maiúscula.

²⁷ Argote (1725: 217) traz '*Accusativo*' com letra maiúscula.

²⁸ Argote (1725: 241) traz 'TERCEYRA PARTE'.

²⁹ Em Argote (1725: 258) o capítulo chama-se '*Dos Idiotismos*'. Argote (1721: 228) termina com o fim deste capítulo com a frase latina "FINIS, LAUS DEO, Virginiqve Matri".

{CAPITULO VII. <i>Das palavras Enclíticas.</i> }		287-290
{QUARTA PARTE DA GRAMMATICA PORTUGUEZA.}		291-339
{CAPITULO I. <i>Dos Dialectos da lingua Portugueza.</i> }		291-301
{CAPITULO II. <i>Da Construção da lingua Portugueza.</i> }		301-309
{PRATICA DA REGENCIA DA GRAMmatica Portugueza conforme com a regencia da Latina.}		310-339
{página em branco}		[340]
{TRATADO BREVE DA ORTHOGRAFIA DA LINGUA PORTUGUEZA.}		341-356
{CAPITULO I. <i>Que cousa seja Orthografia, e das propriedades das letras.</i> }		341-347
{CAPITULO II. <i>Dos modos, com que se erra a Orthografia, e como se haõ de evitar os erros.</i> }		347-351
{CAPITULO III. <i>Da Pontuação da Orthografia Portugueza.</i> } ³⁰		351-356
{INDEX DOS CAPITULOS, QUE contêm esta Grammatica.}		[I-IV]

Deixando de lado a divergência natural entre as licenças da primeira (Argote 1721: [V-XIII]) e da segunda edição (Argote 1725: [VII-XV]) que estão relacionadas com a censura intelectual da produção livreira, o primeiro texto novo é a carta dedicatória em Argote (1725: [III-IV]) que, segundo o título da obra, é dirigida ao então Príncipe de Portugal, o futuro rei D. José (1714-1777, reinou desde 1750).

As duas obras começam a divergir a nível estrutural na terceira parte da sintaxe figurada, onde o gramático acrescenta os últimos dois capítulos. Completamente nova é a quarta parte, dedicada à dialetologia, à 'construção' (o que parece equivaler à estilística) e à análise linguística da "CARTA DO P. ANTONIO VIEYRA para o Eminentissimo Cardial de Lancastre" de 14 de julho de 1690, reproduzida em Argote (1725: 311-312). Também o tratado ortográfico é uma inovação da segunda edição da obra.³¹

q̃

³⁰ O texto da gramática em Argote (1725: 356) termina com a frase latina "FINIS, LAUS DEO, Virginiq̃ue Matri".

³¹ Este tratado foi parcialmente estudado por Moura (2002: 132-135).

3.2 A evolução do texto introdutório

A primeira coisa que se nota nos dois textos introdutórios é a divergência dos títulos. Onde Argote (1721: 1-7) fala de uma “INSTRUCC,AM A GRAMMATICA” passa, quatro anos mais tarde, a falar da “INTRODUCCAM A’ PRESENTE GRAMMATICA” (Argote 1725: [XVI-XXIV]).

Mesmo que o mero número pareça considerável, as divergências entre os dois textos não são, como veremos, muito significativas.

Entre as alterações que parecem de menor importância conta-se um número elevado de sinais de pontuação que varia entre as duas edições, podendo ser vírgulas inseridas em 1725 ou pontos e vírgulas ‘;’ substituídos por dois pontos ‘:’. Para além disso, um dos aspetos mais visíveis que já se verifica na tabela em 3.1 é que a primeira edição usa exclusivamente o sinal tironiano ‘&’ para a conjunção ‘e’, que em 1725 costuma ser escrita por extenso.

Onde a primeira edição quase sempre utiliza as formas ‘que’, ‘porque’ escritas por extenso, Argote (1725) apresenta muitas vezes a forma abreviada com o til por cima da consoante ‘por^{q̃}’, abreviatura esta que maioritariamente parece servir para fins de composição tipográfica, de maneira semelhante como o til ocorre nas formas ‘acc^omodar’ (Argote 1725: XVIII), ‘sufici^etamente’ (Argote 1725: IX); ‘h^u’ (Argote 1725: IX) ‘apr^edem’ (Argote 1725: X), ‘Gr^amatica’ (Argote 1725: X), um recurso que parece ser mais raro na segunda edição em ‘h^u’ (Argote 1721: 3) e c^o (Argote 1721: 6).

Observam-se vários casos de variação gráfica, nomeadamente³²

a) variação gráfica de [i] por <y> ~ <i>:

Syntaxe (Argote 1725: XXI) ~ Sintaxe (Argote 1721: 5);

b) variação <e> ~ <i> em sílaba átona:

desconveniencia (Argote 1725: XXII) ~ disconveniencia (Argote 1721: 6);

dessemelhantes (Argote 1725: XXII) ~ dissemelhantes (Argote 1721: 6);

dessemelhança (Argote 1725: XXII) ~ dissemelhança (Argote 1721: 6);

³² Todas as marcações por negritos são nossas e servem para fins distintivos.

c) grafia divergente de sibilantes e chiantes <-s-> ~ <-z->:

difficultozo (Argote 1725: X) ~ difficultoso (Argote 1721: 4);
 simples (Argote 1725: XXI) ~ simplez (Argote 1721: 5);

d) uso divergente de formas simplificadas ~ consoantes etimológicas ou pseudo-etimológicas:

danos (Argote 1725: XVI) ~ **damnos** (Argote 1721: 1);
 escolas (Argote 1725: XXIII) ~ **escollas** (Argote 1721: 6);
 Nações (Argote 1725: XVI) ~ **Nasções** (Argote 1721: 1);
 pratica (Argote 1725: XX) ~ **practica** (Argote 1721: 4);
 praticaveis (Argote 1725: XXIII) ~ **practicaveis** (Argote 1721: 6);

e) uso divergente de letras maiúsculas e minúsculas:

Arte (Argote 1725: IX) ~ arte (Argote 1721: 4);
 Estudos (Argote 1725: XXIII) ~ **estudos** (Argote 1721: 6);
 Oração (Argote 1725: XXII) ~ **oração** (Argote 1721: 6);
 Verbos (Argote 1725: XXI) ~ **verbos** (Argote 1721: 5);

f) acentuação gráfica:

convem (Argote 1725: XVII) ~ **convèm** (Argote 1721: 2);
 der (Argote 1725: XXII) ~ **dèr** (Argote 1721: 6);
 já (Argote 1725: XX) ~ **jà** (Argote 1721: 4);
 perceberão (Argote 1725: XX) ~ **perceberãõ** (Argote 1721: 4);
 so (Argote 1725: XVIII) ~ **só** (Argote 1721: 2);
 terão (Argote 1725: XIX) ~ **teràõ** (Argote 1721: 4);

Também se observam casos em que o gramático optou por utilizar palavras diferentes entre as duas edições:

farà ver (Argote 1725: XXII) ~ **mostrarà** (Argote 1721: 6);
Grammatica Latina (Argote 1725: XXII) ~ **lingua** Latina (Argote 1721: 5);
Grammatica Latina (Argote 1725: XXII) ~ **Syntaxe** Latina (Argote 1721: 5);
muy (Argote 1725: XIX) ~ **muyto** (Argote 1721: 3);
ou (Argote 1725: XXI) ~ **atè** (Argote 1721: 5);
pòde (Argote 1725: XXII) ~ **poderà** (Argote 1721: 6);
ser na Latina (Argote 1725: XX) ~ **succeder** na latina (Argote 1721: 4);

São raros os casos em que o texto primitivo de 1721 se encontra aumentado por poucas palavras:

Facilidade, e modo, com que (Argote 1725: XXII) ~ facilidade com que (Argote 1721: 6);
 que a lingua Grega **ao menos em toda a sua extensaõ**, differe muyto (Argote 1725: XXII) ~ que a lingua Grega differe muyto (Argote 1721: 6);
 sofrívelmente, **e** entãõ (Argote 1725: XX-XXI) ~ sofrívelmente, entãõ (Argote 1721: 4);
 tempo, **em q̃** (Argote 1725: XXIII) ~ tempo que (Argote 1721: 6);

Para além disso, observa-se que os seguintes trechos se encontram omissos em Argote (1725):

A esta razaõ confirmaõ as experiencias; pois he certo, que a lingua Grega differe muyto mais da Latina do que desta differe a Portugueza; com tudo vemos, que os que aprendido o Latim, entraõ a aprender Grego, com mediano estudo, dentro de anno, & meyo, ou dous annos sabem sufficientemente a lingua Grega; **porque he grande o parentesco, & muytas as regras em que esta convêm com a Latina** (Argote 1721: 3).

Nem me digaõ que os meninos terãõ igual difficuldade em aprender os preceytos da Grammatica Portugueza, & em os perceber, do que tem em perceber, & aprender os da Latina; & **que assim tudo vira a parar na mesma demora, & dilação**; porque vay grande differença em perceber os preceytos daquillo de que já sey a practica, & daquillo de que ainda a não sey (Argote 1721: 4).

“[...] porque assim passariaõ aos estudos publicos do Latim senhores já não só das regras em que convêm todas as linguas universalmente, que não saõ poucas, **como mostrou hum curioso tratado particular, que anda impresso**; mas tambem da mayor parte das regras da Grammatica Latina, como nesta Grammatica se pôde ver”. (Argote 1721: 6)

Finalmente, observa-se que o último parágrafo de Argote (1721) diverge do penúltimo parágrafo de Argote (1725), tendo sido acrescentado o último parágrafo, relativo às partes novamente introduzidas a partir da segunda edição da gramática.

Argote (1721: 7)	Argote (1725: [XXIII-XXIV])
Ultimamente advirto, que alguns poderãõ estranhar a explicaçaõ, &	Tambem advirto, que alguns poderãõ estranhar a explicaçaõ,

<p>solução que dou a alguns pontos da Grammatica Portugueza; porêm os versados na lição do Padre Velles, Sanches, Brocense, Joaõ Gerardo Vossio, os Padres da Cõgregação de Port Royal, & na lição da Grammatica discursada, & na Arte de fallar do Padre Lami. Veraõ que na explicação da Grammatica Portugueza observo a mesma doutrina, que estes observãõ a respeyto da Latina.</p>	<p>que dou a alguns pontos da Grammatica Portugueza, porêm os que forem versados na lição do novo methodo dos Padres da Congregaçaõ de Portroial, e da Grammatica discursada do Padre Lami, veraõ que na explicação da Grammatica Portugueza observo a mesma doutrina, que estes observãõ a respeyto da Latina.</p> <p>Ultimamente advirto que os Capitulos, que nesta segunda impressaõ vaõ accrescentados, que saõ muyta parte do quinto, e todo o sexto da terceyra parte, mostrou a experiencia que eraõ precisos para a intelligencia dos Idiotismos da lingua Portugueza, e a quarta parte para o ensino mais polido, e para a gente nobre, como tambem o tratadinho da Orthografia, que vay no fim.</p>
---	--

Na primeira edição da gramática, Argote menciona as suas fontes de maneira bastante extensa. Sem qualquer referência ao verdadeiro autor dos famosos *De institutione grammatica Libri tres* (1573), o jesuíta Manuel Álvares (1526-1583), Argote refere somente o 'Padre Velles', ou seja o jesuíta António Velês (1547-1609) que reformou a gramática latina da Companhia de Jesus a partir da última edição da 'arte grande' (Álvares / Velês 1599).³³

No concernente aos dois nomes seguintes, a vírgula não parece fazer sentido. Julgamos tratar-se de outro gramático latino famoso, nomeadamente 'Sanches Brocense' como costumava ser conhecido o professor estremenho na Universidade de Salamanca, Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600). Tal como Schäfer-Prieß (2000: 20) julgamos que esta referência não se refere a outro gramático senão o mencionado Brocense.

³³ Na sua listagem impressionante das edições e variações pertencentes à 'arte maio' em in-4.^o e à 'arte menor' em in-8.^o Iken (2002: 60-63) não faz referência a qualquer exemplar in-4.^o com data posterior a 1599.

Quanto à terceira pessoa mencionada, 'Joaõ Gerardo Vossio', tudo leva a crer que, apesar da troca dos nomes próprios, se trate do filólogo neerlandês Gerardus Johannes Vossius (1577-1649). Entre muitas obras de natureza filológica, Vossius publicou *De Arte Grammatica Libri Septem* (1635), reeditado postumamente na volumosa obra *Aristarchus, sive de arte grammatica libri septem* (Vossius 1662). O mesmo autor elaborou também uma *Latina grammatica* (1626; cf. Vossius 1652).³⁴ Destinada para ser utilizada nas escolas neerlandesas, teve um número considerável de edições até ao século XIX.

Na referência aos 'Padres da Cõgregação de Port Royal', em 1721 Argote não torna evidente qual das obras metalinguísticas dos eremitas reunidos perto do mosteiro feminino cisterciense de Port-Royal des Champs em França lhe poderá ter servido como fonte. Deixando de lado outras obras importantes dos jansenistas de Port-Royal, as duas obras metalinguísticas mais emblemáticas são a *Grammaire générale et raisonnée* (1660, 1679) da autoria de Antoine Arnauld (1612-1694) e Claude Lancelot (1615?-1695), bem como a *Nouvelle methode pour apprendre facilement la langue latine* (1644)³⁵ de Claude Lancelot. Já em 1725, ao falar do 'novo methodo dos Padres da Congregação de Portroial,' Argote leva a crer que esta fonte terá sido a gramática latina de Lancelot e não a *Grammaire générale et raisonnée*.

Para identificar a 'Arte de fallar do Padre Lami', convém prestar atenção ao tratado de retórica *De l'art de parler*, publicado anonimamente em 1675 (cf. Lamy 1675). É somente desde a quarta edição que a autoria vem sendo atribuída ao oratoriano francês Bernard Lamy (1640-1715) debaixo de um título algo alterado: *La rhetorique ou l'art de parler*.³⁶ Cremos, por isso que Argote, em 1721,

³⁴ Esta gramática escolar está baseada, como informa o rosto da própria obra, na *Latina grammatica* (1588) quinhentista do neerlandês Ludolfus Lithocomus ou Ludolf Steenhouwer.

³⁵ Colombat (1999: 52) afirma pertinentemente que "l'ouvrage, publié également en forme de *Abrégé* (a partir de 1654), a connu de très nombreuses éditions (onze au XVII^e siècle, treize au XVIII^e siècle, encore une en 1817)". Perante a existência de tantas edições e variações da gramática, impõe-se a questão de qual poderá ser a edição que terá servido como a base da gramática do teatro português. Convém saber que neste sentido já houve alguma investigação, por ora inédita, de Teresa Maria Teixeira de Moura.

³⁶ A dedicatória ao Duque de Chartres, assinada pelo próprio Bernard Lamy, data de 1687 (Lamy 1701: [IX]).

está a falar de uma das edições primitivas da obra *De l'art de parler* (de 1675, 1676 e 1679). Dado que Argote (1725: [XXIII-XXIV]) passa a falar 'da Grammatica discursada do Padre Lami', as suas informações deixam de fazer sentido, porque a obra e Lamy não reúne as características em questão,³⁷ pois fica evidente que a retórica de Lamy se encontra redigida em pleno texto expositivo, sem qualquer recurso ao método dialogístico. Julgamos, pois, que se trata de duas obras distintas de dois autores diferentes.

A última fonte mencionada na primeira edição é a 'Grammatica discursada'. Argote não chega a definir de que obra se trata, o que permite presumir que o gramático parte do princípio de que a obra referida deveria ser do conhecimento dos entendidos da época. Tanto os termos utilizado como o próprio método dialogístico³⁸ escolhido para ambas as edições da gramática de Argote, levam a crer que a obra em questão possa ter as suas raízes numa gramática desse género que tenha sido dedicada ao latim como as restantes fontes do gramático. Para já ainda nos é impossível identificar esta última fonte referida em Argote (1721). Esta tarefa deverá ser concluída noutro âmbito.

Para além das referências às fontes, que, como vimos, sofreram uma redução considerável na segunda edição da obra, o gramático adiciona ainda um parágrafo esclarecedor sobre os capítulos e as partes acrescentados à obra, conforme já vimos.

5. Conclusão

A investigação sobre a origem do pseudónimo Caetano Maldonado da Gama, suposto autor da primeira edição de Argote (1721), permite constatar que os elementos onomásticos do pseudónimo se constituem dos seguintes elementos:

- 1) Caetano – identifica o autor como Clérigo Regular (teatino)
- 2) Maldonado – é o apelido principal do lado do avô paterno
- 3) da Gama – é o primeiro apelido do lado da avó materna

³⁷ Para uma opinião contrária que, aliás, não atende às propriedades textuais da obra, cf. Schäfer-Prieß (2000: 20).

³⁸ Para o termo, utilizado pelo gramático oitocentista José da Virgem Maria, veja-se Kemmler (2011: 68). No seu estudo sobre a gramática de Argote, Schäfer-Prieß (2000: 19-20) refere que esta *Dialogform* se encontra utilizada em Donato, bem como em vários gramáticos modernos como Perrotto, Bembo, Valdés e Sciopio.

Não sabemos se esta ordenação dos apelidos maternos, relativos a D. Maria Josefa Lobo da Gama Maldonado, a mãe gramático, poderá de alguma forma estar relacionada com a pertença da família à nobreza luso-espanhola. No entanto, observa-se que a composição destes três elementos, segue a tradição espanhola, uma vez que o apelido paterno é o primeiro, seguido pelo apelido materno.

A análise da estrutura das duas edições permite a constatação de que a primitiva estrutura se manteve intacta em larga medida. O facto da inserção, em 1725, dos capítulos VI e VII na terceira parte, bem como da quarta parte e do tratado ortográfico, já foi devidamente comentado por Schäfer-Prieß (2000) e Moura (2002).

Realizámos ainda uma breve comparação das duas versões do texto introdutório em Argote (1721) e Argote (1725). Mesmo que as alterações não sejam sempre muito significativas, verifica-se que existem alterações textuais que parecem permitir conclusões sobre a evolução do ideário metalinguístico do nosso gramático. É por isso que esperamos que o presente estudo possa motivar a) o estabelecimento do texto primitivo de Argote (1721) e b) a comparação entre as duas gramáticas na sua inteireza.

Seria útil que um futuro estudo sobre as duas edições da gramática tentasse estabelecer os pontos de encontro (e, claro, de afastamento) entre as fontes referidas pelo próprio gramático nas duas edições. Seria, finalmente, desejável, que fosse identificada a única fonte que até agora não se pode identificar com certeza, ou sejam a 'Grammatica discursada', mencionada em Argote (1721)

Bibliografia

Documentos arquivísticos

- 1676, julho 23: – Colares, *Assento de batismo de D. Jerónimo, filho de D. Luís Contador de Argote e de D. Maria Josefa Lobo de Maldonado da Gama*, A.N.T.T., Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, Concelho de Sintra, Freguesia de Colares, Registo de batismos, livro n.º B7, Caixa 3 (1672-1691), fol. 17 v.
- 1678, novembro 19: – Colares, *Assento de óbito de D. Maria Josefa Lobo de Maldonado da Gama, mulher de D. Luís Contador de Argote*, A.N.T.T., Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, Concelho de Sintra, Freguesia de Colares, Registo de óbitos, livro n.º O4, Caixa 18 (1671-1699), fol. 29 r.

1693, março 20: – Colares, *Assento de óbito de D. Francisca de Robles, viúva de D. Jerónimo Contador de Argote, falecida aos 19 de março de 1693*, A.N.T.T., Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, Concelho de Sintra, Freguesia de Colares, Registo de óbitos, livro n.º 04, Caixa 18 (1671-1699), fol. 69 v-70 r.

1699, dezembro 8: – Lisboa, *Assento de casamento entre D. José Contador de Argote e Catarina de Castro Soutomaior*, A.N.T.T., Arquivo Distrital de Lisboa, Registos Paroquiais, Concelho de Lisboa, Freguesia de Encarnação, Registo de casamentos, livro n.º 4, Caixa 15 (1694-1708), fols. 123 r-124v.

Literatura primária e secundária

Álvares / Velês (1599): Manuel Álvares, António Velês, *EMMANVELIS / ALVARI, E SOCIE- / TATE IESV / DE INSTIVTIONE GRAMMATICA / LIBRI TRES, / ANTONII VELLISII, EX EADEM SOCIETATE IESV / IN EBORENSI ACADEMIA PRÆFECTI STVDIORVM / OPERA*, Aucti, & illustrati. // EBORAE / Excudebat Emmánuel de Lyra Typographus. / *Cum facultate Inquisitorum, & Ordinarij.* / M. D. XCIX.

Argote (¹1721): [Jerónimo Contador de Argote; pseudónimo Caetano Maldonado da Gama], *REGRAS / DA LINGUA / PORTUGUEZA, / Espelho da lingua Latina, / OU / DISPOSIC,AM / Para facilitar o ensino da lingua Latina pelas / regras da Portugueza, / COMPOSTO PELO PADRE / CAETANO MALDONADO / DA GAMA.* // LISBOA OCCIDENTAL: / Na Officina de Mathias Pereyra da Sylva, / & João Antunes Pedrozo. / M. DCC. XXI. / *Com as licenças necessarias.*

Argote (²1725): Jerónimo Contador de Argote, *REGRAS / DA LINGUA / PORTUGUEZA, / ESPELHO DA LINGUA / LATINA, / Ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas / regras da Portugueza, / DEDICADA / AO PRINCIPE / DE PORTUGAL / Nosso Senhor, / PELO PADRE / DOM JERONYMO / Contador de Argote, Clerigo Regular, e Academico / da Academia Real da Historia Portugueza.* / Muyto accrescentada, e correcta. / Segunda impressaõ. // LISBOA OCCIDENTAL, / NA OFFICINA DA MUSICA, / m. dcc. xxv. / *Com todas as licenças necessarias.*

Arnauld / Lancelot (⁴1679): [Arnauld, Antoine], [Claude Lancelot], *GRAMMAIRE / GENERALE / ET RAISONNE'E.* / CONTENANT / Les fondemens de l'art de parler; ex- / pliquez d'vne maniere claire & / naturelle. / Les raisons de ce qui est commun à / toutes les Langues, & des principa- / les differences qui s'y rencontrent / Et plusieurs

remarques nouvelles sur la / Langue Française. / *Quatrième Edition revue & augmentée de nouveau.* // A PARIS, / Chez PIERRE LE PETIT, Imprimeur & Libraire / ord. du Roy, rue S. Jacques à la Croix d'Or. / M. DC. LXXIX. / *Avec Privilège de sa Majesté.*

Assunção, Carlos da Costa (1997): "Uma leitura da introdução da gramática de Reis Lobato", *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, nº 14, ISSN 0871 1682, pp. 165-181.

Bem (1794, II): Tomás Caetano de Bem, *MEMORIAS / HISTORICAS / CHRONOLOGICAS / DA / SAGRADA RELIGIÃO / DOS / CLERIGOS REGULARES / EM PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS / NA INDIA ORIENTAL, / ESCRITAS / POR / D. THOMAZ CAETANO DE BEM, / CLERIGO REGULAR, / MESTRE JUBILADO EM SAGRADA THEOLOGIA, QUALIFICADOR DO SANTO / OFFICIO, SOCIO DO NUMERO, E CENSOR DA REAL ACADEMIA, / E CHRONISTA DA REAL CASA DE BRAGANÇA. / TOMO II. // LISBOA / NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. / ANNO M. DCC. XCIV. / Com licença da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Colombat (1999): Bernard Colombat, *La grammaire latine en France à la renaissance et à l'âge classique. Théories et pédagogie*, Grenoble, Ellug, Université Stendhal.

Catalogo (1721): "Catalogo dos academicos, por ordem alfabetica", *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza n. I (1721), número 2.*

Constituições (1588): ¶ CONSTITVIÇÕES / DO ARCEBISPADO DE LISBOA / assi as antigas como as extrauagantes primeyras & / segundas. Agora nouamente impressas / por mandado do Illustrissimo & Re / uerendissimo senhor dõ Migel / de Castro Arcebispo / de Lisboa. / Com licença da mesa geral do santo officio / & ordinario. // Impressas em Lisboa por Belchior Rodrigues impressor / anno de 1588. / ¶ Vendense na rua noua em casa de loam Lopez liureiro do / Senhor Arcebispo. / Esta taxado em papel a reis.

Díaz Medina (1992): Ana Díaz Medina, "El gobierno en España de Maximiliano II (1548-1551)", *in* Friedrich Edelmayer, Alfred Kohler, *Kaiser Maximilian II. Kultur und Politik im 16. Jahrhundert*, Wien, München, Verlag für Geschichte und Politik, R. Oldenbourg Wissenschaftsverlag (Wiener Beiträge zur Geschichte der Neuzeit, 19), pp. 38-54.

- Gaio (1938-1942): [Manuel José da Costa] Felgueiras Gaio, *Nobiliário de famílias de Portugal*, 32 volumes, impressão diplomática do original manuscrito, existente na Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, Propriedade e edição de Agostinho de Azevedo Meireles e Domingos de Araújo Afonso, Braga, Oficinas Gráficas da 'PAX'; Augusto Costa & C.^a Lim.^{da}.³⁹
- Gonçalves (1992): Maria Filomena Gonçalves, *Madureira Feijó. Ortografista do século XVIII, Para uma História da Ortografia Portuguesa*, Lisboa, Ministério da Educação (Identidade Série Língua Portuguesa). Gouveia (1736): Caetano de Gouveia [Pacheco] (1736): "Elogio funebre na morte do Senhor Joseph Contador de Argote, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, recitado pelo academico o P. D. Caetano de Gouvea", *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza* n. XVII (1736), número 5.
- Hackerott (2010): Maria Mercedes Saraiva Hackerott, "A ortografia de Verney (1746): um detalhe relevante", *Revista do GEL* 7 ISSN 1984591X, pp. 71-89. Disponível em:
http://www.gel.org.br/revistadogel/volumes/7/RG_V7N1_04.pdf
[última consulta: 18 de Janeiro de 2013].
- Iken, Sebastião (2002): Sebastião Iken, "*Index totius artis* (1599-1755): algumas reflexões sobre o índice lexicográfico latino-português da gramática de Manuel Álvares, elaborado por António Velez", in: Rolf Kemmler, Barbara Schäfer-Prieß, Axel Schönberger (eds.), *Estudos de história da gramaticografia e lexicografia portuguesas*, Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea (Beihefte zu Lusorama; 1. Reihe, 9. Band), pp. 53-83.
- Kemmler, Rolf (2007): Rolf Kemmler, *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes. Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea (Beihefte zu Lusorama; 1. Reihe, 12. Band).
- Kemmler, Rolf (2011): Rolf Kemmler, "O ideário linguístico no *Novo Methodo de educar os meninos e meninas* (1815) do vila-realense

³⁹ O conjunto total dos 33 tomos que fazem parte do *Nobiliário de famílias de Portugal* foi alternadamente impresso pelas Oficinas Gráficas da 'PAX' e pela Tipografia Augusto Costa (mais tarde Oficinas Gráficas Augusto Costa).

- Frei José da Virgem Maria", *Revista de Letras* 9 (II.ª Série, 2010), ISSN 0874-7962, pp. 63-92.
- Lamy (1675): [Bernard Lamy], *DE L'ART DE PARLER. // A PARIS, / Chez ANDRE' PRALARD, ruë S. Jacques, / à l'Occasion. / M. DC. LXXV. / AVEC PRIVILEGE DU ROY.*
- Lamy (1701): [Bernard Lamy], *LA RHETORIQUE / OU / L'ART DE PARLER / Par le R. P. BERNARD LAMY, / Prêtre de l'Oratoire. / Quatrième Edition, revue & augmentée. // A PARIS, / CHEZ FLORENTIN & PIERRE DELAULNE, rue / S. Jacques, à l'Empereur & au Lion d'or. / M. DCCI. / AVEC PRIVILEGE DU ROY.*
- Lancelot (1668): [Claude Lancelot], *NOUVELLE METHODE / POVR APPRENDRE / FACILEMENT / LA LANGVE LATINE: / CONTENANT / LES REGLES / DES GENRES, DES DECLINAISONS, / des Préterits, de la Syntaxe, de la Quantité / & des Accens Latins. / MISES EN FRANÇOIS, AVEC VN ORDRE / très-clair & très- abregé. / PRESENTE'E AU ROY. / Augmentée d'vn grand nombre de remarques tres-solides, / & non moins necessaires pour la parfaite connoissance / de la langue Latine, que pour l'intelligence des bons / Auteurs: Tirées de tous ceux qui ont travaillé sur cette / Langue avec plus de soin & plus de lumiere. / Avec vn Traité de la Poësie Latine, & vne brève instruction / sur les Regles de la Poësie Française. / SEPTIE'ME EDITION. / Reveuë, corrigée & augmentée de nouveau. // A PARIS, / Chez PIERRE LE PETIT, Imprimeur & Libraire / ordinaire du Roy, ruë S. Jacques à la Croix d'Or. / M. DC LXVII. / Avec Privilege de sa Majesté.*
- Leite (2011): Marli Quadros Leite, "A construção da norma linguística na gramática do século XVIII", *Alfa. Revista de Lingüística*, 55/2 ISSN 1981-5794, pp. 665-684, disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4745/4050> [última consulta: 26 de outubro de 2012].
- Machado (1741, I): Diogo Barbosa Machado, *BIBLIOTHECA / LUSITANA: / Historica, Critica e Chronologica. / NA QUAL SE COMPREHENDE A NOTICIA DOS AUTHO- / res Portuguezes, e das obras que compuserão desde o tempo / da promulgaçaõ da Ley da Graça, até o tempo presente. / OFFERECIDA / À AUGUSTA MAGESTADE / DE / D. JOAÕ V. / NOSSO SENHOR / POR / DIOGO BARBOSA / MACHADO / Ulyssiponense Abbade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Acade- / mico do Numero da Academia Real. / TOMO I. // LISBOA OCCIDENTAL, /*

- Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA / Anno de M. D. CC. XXXXI. / *Com todas as licenças necessarias.*
- Machado (1747, II): Diogo Barbosa Machado, *BIBLIOTHECA / LUSITANA: / Historica, Critica e Chronologica. / NA QUAL SE COMPREHENDE A NOTICIA DOS AU / thores Portuguezes, e das Obras que compuzeraõ desde o tempo / da promulgaçaõ da Ley da Graça, até o tempo presente. / OFFERECIDA / AO EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR. / D. Fr. JOZE V. / MARIA DA FONSECA, E EVORA / Bispo do Porto do Conselho de Sua Magestade / POR / DIOGO BARBOSA / MACHADO / Ulyssiponense Abbade Reservatorio da Paroquial Igreja de Santo Adriaõ de / Sever, e Academico do Numero da Academia Real. / TOMO II. // LISBOA: / Na Officina de IGNACIO RODRIGUES. / Anno de M. D. CC. XLVII. / *Com as licenças necessarias.**
- Martí (2009): Manuel Martí, "Argote, Jerónimo Contador de", in Stammerjohann, Harro (ed.) (2009, I), *Lexicon Grammaticorum. A Bio-Bibliographical Companion to the History of Linguistics, Volume I, A-K*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, p. 62.
- Moura (2002): Teresa Maria Teixeira de Moura, "A tradição gramatical portuguesa. Jerónimo Contador de Argote no contexto cultural iluminista", dissertação de mestrado em ensino da língua e literatura portuguesas, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Moura (2012): Teresa Maria Teixeira de Moura, *As ideias linguísticas portuguesas do século XVIII*, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro de Estudos em Letras (Coleção Linguística; 8).
- Press (1990): Volker Press, "Maximilian II.", *Neue Deutsche Biographie* 16 (1990), pp. 471-475, disponível em: <http://www.deutschebiographie.de/pnd11857938X.html> [última consulta: 18 de Janeiro de 2013].
- Rodrigues (1996): António Simões Rodrigues (coordenador), *História de Portugal em Datas*, Lisboa, Temas e Debates.
- Sánchez de las Brozas (1587): Francisco Sánchez de las Brozas, *FRANCISCI SANCTII BRO- / CENSIS, / IN INCLYTA SALMAN- / ticensi Academia Primarij Rhetorices, / Græcæque linguæ Doctoris Miner- / ua: seu de causis linguæ / Latinæ / CVM LICENTIA. / SALMANTICÆ, / Apud Ioannem, & Andream / Renaut, fratres. 1587.*

Schäfer-Prieß (2000): Barbara Schäfer-Prieß, *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; Band 300).

Schäfer-Prieß (no prelo): Barbara Schäfer-Prieß, *A Gramaticografia portuguesa de 1540 até 1822. condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*, Tradução de Jaime Ferreira da Silva, revista e atualizada pela autora.

Silva (1859, III): Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil, Tomo Terceiro*, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1859. Contém ainda *O Diccionario Bibliographico Portuguez julgado pela Imprensa contemporanea nacional e estrangeira*, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1860. Obra reeditada em reprodução fac-similada, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s. d.

Vossius (⁵1652): Gerhard Johannes Vossius, *LATINA / GRAMMATICA, / ex decreto Illustr. D.D. Hollandiæ / West-Frisiæque Ordinum, / IN USUM SCHOLARUM / ADORNATA; / Multis quidem in locis Lud. Lithocomi ver- / bis, quibus Scholæ adsueverant, reservatis: / sed erroribus, quibus scatebat, emendatis; / inutilibus resectis; pluribus, quæ defie- / rent, suppletis, & omnibus meli- / ori ordine dispositis; / studio, atque opera / GERARDI JOANNIS VOSSII / Editio quinta et ultima ab autore paulo an- / te obitum propriâ manu correctâ et / variis locis locupletata. // AMSTELODAMI, / Sumptib: Cornelii lanßonii, Bibl. prope / non Templ. sub signo Calvini. 1652.*

Vossius (²1662): Gerhard Johannes Vossius, *GERARDI JOANNIS / VOSSII / ARISTARCHVS / SIVE / DE ARTE / GRAMMATICA / LIBRI SEPTEM. / Quibus censura in Grammaticos præcipiè veteres exer- / cetur; caussæ Linguæ Latinæ eruuntur; Scriptores / Romani illustrantur, vel emendantur. / EDITIO SECVNDA, / pluribus locis aucta. // AMSTELÆDAMI, / Ex Officina IOANNIS BLAEV. / C I C I C C LXII. [volume II com as mesmas referências]*

Zinelli / Herbert (1888): Giuseppe Maria Zinelli, Mary Elizabeth Ashe à Court-Repington Herbert, *The Life of St. Cajetan, Count of Tiene*,

founder of the Theatines, translated from the Italian by Lady Herbert, London, Thomas Richardson and Son.